

NAVITA

A close-up portrait of a young girl with dark skin and curly hair. She is smiling warmly at the camera. A large white plumeria flower is tucked into her hair on the left side. She is wearing a colorful, patterned top with thin straps. The background is a soft, out-of-focus outdoor setting.

José Carlos Da Silva

Ficção

NAVITA

Navita é uma obra de ficção que mergulha, de forma dramática e impactante, na dura realidade da violência de género enfrentada por mulheres na nossa sociedade. O enredo aborda temas apavorantes, como violação, gravidez resultante de abuso sexual, traumas psicológicos e a árdua luta pela reconstrução da vida após a violência. Através da jornada da protagonista, a história convida-nos a uma reflexão profunda sobre a indomável resiliência feminina diante de obstáculos emocionais e sociais avassaladores.

A angustiante história de Navita e da sua mãe Ululi revela, de forma chocante, um vislumbre da sórdida realidade do tráfico humano, abuso e exploração sexual de menores - temas que, infelizmente, fazem parte da experiência de muitas mulheres e crianças em todo o nosso país. Navita é uma leitura profunda e emocionalmente devastadora, que nos impele a agir, a denunciar os perpetradores e a proteger as vítimas, reforçando o nosso papel coletivo como Guardiões da Infância responsáveis por criar uma sociedade mais justa e segura para todos. Esta é uma história que ficará a ressoar nos nossos pensamentos por muito tempo, como um lembrete crucial da nossa responsabilidade ética e moral.

Título: Navita
Autor: José Carlos da Silva
Revisão: Idalina Godinho (Lina)
Edição: Junho 2024

Navita é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, fotos, pessoas, factos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Eu sou a Navita, tenho oito anos e moro com a minha mãe, Ululi, e com a minha irmã mais nova, Yelissa. Infelizmente, o meu irmão mais velho, Kiene, saiu de casa quando tinha apenas 17 anos e nunca mais voltou. Foi difícil para a minha mãe e para nós lidarmos com a falta dele, mas aprendemos a seguir em frente. Nós vivemos na província de



Benguela, no Tchipiandalo, a nossa casa é simples, mas é um lugar aconchegante. Fica perto da praia e eu posso ouvir o som das ondas todas as manhãs. É uma sensação muito agradável que me faz sentir parte da natureza.

A escola onde eu e Yelissa estudamos é um pouco distante da nossa casa, mas é animada. Fica próximo do Hospital Central de Benguela. Os nossos professores são incomparáveis e ensinam-nos coisas novas todos os dias. Adoro brincar com os meus amigos durante o recreio. É uma hora divertida para usar a imaginação e criar histórias incríveis juntos.

Quando eu crescer, quero ser médica! Eu desejo muito poder ajudar as pessoas, fazer com que elas se sintam bem, cuidar delas. Quero fazer a diferença na vida de todo o mundo da minha comunidade. Penso que todos merecem ter acesso aos cuidados de saúde e eu espero muito poder ajudar com isso um dia. Vou ser uma boa médica!

Apesar das dificuldades que enfrentamos, a minha família e eu somos fortes. Aprendemos a valorizar as coisas simples da vida e a apoiarmo-nos mutuamente. Tenho esperança de um futuro melhor, onde os meus sonhos se tornem realidade e a minha família esteja sempre unida. Tenho saudades do meu irmão mais velho, gostaria de ter notícias dele um dia.

Navita é uma criança encantadora e cheia de vida. A sua alegria é contagiante, é uma comunicadora nata, sempre ansiosa para expressar as suas ideias e partilhar as suas descobertas com os outros. É notável a quantidade de perguntas que ela faz, demonstrando a sua sede insaciável por conhecimento e vontade de aprender coisas novas.

Com os seus oito anos de idade, Navita ainda mantém uma inocência própria dessa fase da infância. Vê o mundo com olhos puros e curiosos, sem perder a sua capacidade de se maravilhar com as coisas simples da vida. A sua inocência é um traço adorável e genuíno, que encanta todos a sua volta.

Além disso, Navita carrega consigo uma grande responsabilidade. Desde que o seu irmão mais velho partiu, assumiu a liderança e sente-se profundamente responsável pelo cuidado da sua mãe e irmã mais nova. Essa responsabilidade precoce moldou a sua personalidade, fazendo-a amadurecer mais rapidamente do que outras crianças da sua idade.

Apesar do seu corpo frágil, Navita possui uma beleza única. O seu cabelo farto e abundante é uma marca registada, destacando-se por onde passa. Os seus olhos expressivos, negros e redondos, revelam a sua curiosidade e emoções intensas. É impossível não se encantar com a expressividade que eles transmitem.

É uma criança especial, com uma combinação única de características que a tornam verdadeiramente única. A sua alegria, comunicação, sede de conhecimento, inocência, responsabilidade e beleza fazem dela um ser encantador e inspirador.

- Yelissa, onde está a tua irmã, são 18:30 e ainda não chegou, vocês não estavam juntas?
- Estávamos juntas, mas eu vim para casa e ela disse que ia tomar banho na praia.

- Mergulhar a esta hora, isso é azar, vai chamar a tua irmã, corre.
- Está bem mamã

Com muita coragem, Yelissa aventura-se pelos lugares no bairro da praia onde Navita costuma ir, esperando encontrá-la. No entanto, o sol já se pôs e a escuridão começou a tomar conta da praia. Yelissa, compreensivelmente, começa a ficar com medo de ir muito longe, então decide voltar para casa e contar para a mãe que não conseguiu encontrar a irmã.

A preocupação da mãe começa a crescer. Sente que precisava fazer algo, então saiu da casa e olhou para o vasto horizonte, Mesmo diante da densa escuridão que a cercava, não desistiu de prosseguir. Analisou de forma atenta, esperava avistar algum sinal de Navita. Determinada, a mãe afasta-se um pouco mais da casa e chama pelo nome da filha, uma vez, duas vezes, até que, na terceira chamada, uma voz familiar responde. É a voz de Navita! O alívio toma conta da mãe, que se sente grata por encontrar a sua preciosa filha.

- Mamã estou aqui
- Aqui aonde, isso é hora de estar na rua?
- Fui dar um mergulho rápido quando sai da água apareceu um senhor muito simpático que fala uma língua estranha
- E onde está esse senhor agora?
- Já foi embora, eu não entendi o que ele disse, perguntei que língua falava, disse que era francês e que vai me ensinar a falar.
- Eu não quero que fiques a falar com pessoas estranhas, já te disse isso antes, se ele te raptar, como é que vamos te ver novamente, onde é que vamos te procurar?
- Mas ele não é estranho porque eu já o vi na praia várias vezes, ela chama-se Michel.

- Ver alguém na praia não significa que já conheces, continua a ser estranho para nós, porque não sabemos nada sobre ele, onde vive, se tem família, se vive aqui em Benguela ou está só de passagem.
- Está bem mamã, vou ficar atenta
- Passem as duas para o banho que já é tarde.

Ululi, uma mãe cuja infância foi marcada por eventos traumáticos. Enfrentou a perda precoce dos seus pais, vítimas dos conflitos violentos da guerra de 55 dias do Huambo que se estendeu até Benguela. Obrigada a atravessar os terrenos traiçoeiros da guerra, ela encontrou refúgio e segurança no campo de refugiados de Mayukwayukwa, na Zâmbia.



No interior do campo, Ululi viu-se cercada por rostos desconhecidos, estranhos que, com o tempo, tornaram-se a sua nova família. Essas pessoas do Congo, Burundi e Somália, também deslocadas pelos estragos da guerra, concederam algum grau de tranquilidade e apoio durante as adversidades enfrentadas em conjunto. Embora as suas origens e culturas diferissem, eles construíram um vínculo forjado pela resiliência e pela busca pela sobrevivência.

Aos catorze anos, apesar do caos que envolvia a vida de um refugiado, buscava consolo ao aventurar-se até o rio Luena, próximo ao acampamento - um santuário onde podia se enredar na beleza da natureza e na melodia dos pássaros.

Num fatídico dia, enquanto o sol dourado inclinava-se em direção ao horizonte, Ululi aproveitava a tranquilidade das águas, alheia à escuridão que se aproximava, pronta para manchar para sempre a sua inocência. Ao reunir os seus pertences, preparando-se para regressar à segurança do seu lar improvisado, uma presença súbita e sinistra envolveu-a. Mãos cobriram os seus olhos e boca por trás, enquanto outras agarraram os seus braços e pernas, tornando-a impotente diante dos seus agressores.

O desespero percorreu as veias de Ululi enquanto lutava contra os predadores, o seu corpo frágil contorcendo-se com uma força que ela jamais imaginara possuir. Estava em desvantagem numérica e física, sendo dominada por três homens muito mais fortes. Levaram-na para um local remoto e oculto, onde poderiam realizar o seu plano sombrio sem nenhuma interferência.

O medo apertou o coração de Ululi, a sua mente acelerada com visões de um destino prematuro. A escuridão que envolvia a sua visão, a venda apertada, privou-a de qualquer vislumbre dos agressores. Com as mãos amarradas atrás das costas, ela estava indefesa, uma marioneta nas mãos dos criminosos.

Os homens, as suas vozes impregnadas de ameaça, fizeram um terrível acordo com Ululi.

— Se colaborares, se não fizeres muito escândalo, tens a oportunidade de ficar viva, ouviste? Disse um dos predadores, num tom ameaçador.

Buscavam sufocar a sua resistência, silenciar os seus gritos, em troca da preservação da sua frágil existência. Naquele momento, o instinto de sobrevivência de Ululi lutou contra a repulsa e a violação que consumiam a sua alma. Uma escuridão envolveu o seu espírito, o peso do desespero abateu-se sobre os seus jovens ombros. Ululi não teve escolha senão suportar, entregar o seu corpo enquanto a sua alma murchava em agonia. As horas

estenderam-se numa interminável duração, cada momento uma eternidade de dor e inocência despedaçada.

A lembrança dessa experiência assombra a alma de Ululi, revisitando o medo e a vulnerabilidade que suportou. Foi um dia que mudou para sempre a sua vida, deixou cicatrizes físicas e emocionais profundas. As memórias desse evento traumático continuam a assombrá-la, alimentando a sua determinação em proteger-se e, primeiro, proteger as suas filhas dos horrores pelos quais ela mesma passou.

As conseqüências desse trauma alteraram para sempre o curso da sua vida. Descobriu-se a carregar uma vida dentro de si, um filho concebido no meio da dor e do sofrimento que suportou. A identidade do pai permanece um mistério, uma pergunta tenebrosa que paira nas profundezas da sua alma.

Diante das circunstâncias difíceis e da sua falta de maturidade e conhecimento, o aborto não era uma opção viável. Ululi teve de aprender a lidar com todos os sintomas de uma futura mãe, mesmo sem ter a sua própria mãe ao seu lado para apoiá-la.

À medida que os meses passaram, Ululi deu à luz uma criança linda, a quem deu o nome de Kiene. O vínculo entre mãe e filho era de amor incondicional, um farol de esperança.

O trauma que sofreu no passado havia deixado uma marca indelével no seu coração. Cada vez que um homem se aproximava, mesmo que fosse apenas para uma simples amizade, Ululi sentia-se incomodada. O cheiro, a voz, tudo parecia re(visitar) as lembranças daquele dia trágico. Era como se a sua mente e o seu corpo estivessem em constante alerta, temerosos de reviver o passado doloroso.

Diante desse sentimento de desconfiança e medo, Ululi preferiu dedicar-se inteiramente ao cuidado e proteção de Kiene. Embora

o seu filho fosse uma constante lembrança do trauma que havia vivido, o amor de mãe falava mais alto. Ululi encontrou forças para superar a sua própria dor e focar no bem-estar do seu rapaz.

Aos olhos de Ululi, Kiene era mais que apenas uma conexão com o seu passado sombrio. Era um ser amado, uma fonte de luz que iluminava a sua vida e dava-lhe esperança para o futuro. Estava disposta a enfrentar todas as dificuldades e desafios, sozinha, se fosse necessário, para proteger e cuidar do seu filho.

A solidão de Ululi era uma escolha consciente, pois não conseguia encontrar conforto ou segurança nos braços de outro homem. Perdeu a confiança e a fé na possibilidade de um relacionamento saudável e amoroso. A sua prioridade era criar Kiene num ambiente seguro e afectivo, onde pudesse crescer e florescer, longe das sombras do passado.

Anos mais tarde, Ululi foi repatriada para Angola no âmbito de um programa de repatriamento voluntário e decidiu retornar à sua terra natal, Benguela. Kiene já tinha doze anos nessa altura. Durante todo esse tempo, Kiene cresceu sem a presença de uma figura masculina na sua vida, confiando exclusivamente no amor e na proteção da sua mãe.

Quando a sua mãe conheceu Inácio, algo mudou na dinâmica familiar. Kiene, já um adolescente na época, não estava muito satisfeito com a relação da sua mãe com Inácio. No entanto, uma notícia trouxe uma mistura de emoções no seu coração. A sua mãe anunciou estar grávida da primeira menina, Navita, e dois anos depois, veio a segunda irmã, Yelissa. Ficou feliz por ter duas irmãs.

Kiene era um jovem reservado, de poucas palavras. A sua personalidade tranquila e introspectiva, a mãe acha que seja resultado da sua dúvida constante sobre a identidade do seu pai. Ansiava por respostas que o ajudassem a entender a sua própria história, a sua origem. Ululi, com muita inteligência e amor, deu-

lhe a melhor explicação que pôde, omitindo a verdade dolorosa de que era fruto de um estupro. A sua mãe, não queria de forma alguma que ele soubesse dessa terrível verdade.

Apesar da explicação cuidadosa da sua mãe, Kiene nunca parecia totalmente convencido. Havia uma sensação persistente de que algo ainda não estava completamente esclarecido. Essa dúvida constante e a busca pela sua identidade podem ter contribuído para a sua quietude e introspecção.

Aos 17 anos, escolheu deixar a sua mãe num estado de desespero e sofrimento. Partiu para um lugar desconhecido, abandonou o lar, o que levou a sua mãe a procurá-lo por vários lugares em Benguela e Lobito durante vários meses. O coração de Ululi apertado de aflição, pois o seu filho querido havia se distanciado dela. Procurou-o incansavelmente, movida pelo amor e pela esperança de tê-lo de volta.



Após muito sofrimento, Ululi decidiu seguir com a sua vida, pois agora tinha duas pequenas meninas para cuidar. Fazia orações regulares, rogando pela saúde e segurança de Kiene, independentemente da sua localização. Apesar da dor da separação, encontrou forças para seguir, pois tinha um lar a construir e duas preciosidades para cuidar.

Ululi tinha plena consciência de que o seu verdadeiro lar não estava apenas num espaço físico, mas também no amor que partilhava com as suas filhas. Estava determinada a recebê-lo de

volta de braços abertos, sempre pronta para acolhê-lo, pois ali era o lugar onde ele realmente pertencia.

Ululi, Inácio, Navita e Yelissa, viveram felizes juntos por cinco anos. No entanto, Inácio decidiu embarcar numa nova aventura em Cabinda, abandonou a companheira e as suas filhas em Benguela. Essa traição e decepção foram um golpe avassalador para Ululi, que passou os três anos seguintes a evitar qualquer envolvimento amoroso, temendo sofrer uma nova desilusão.

Então, Jacinto surgiu na sua vida, demonstrando-se apaixonado e bem-intencionado. Contudo, Ululi ainda carregava as cicatrizes da partida repentina do ex-companheiro, que a havia deixado sozinha para cuidar das suas filhas. Essa experiência traumática deixou Ululi mais cautelosa e relutante em aceitar um novo relacionamento, temendo vivenciar mais uma dor causada pelo abandono de alguém a quem confiara o seu coração.

Ululi vive mergulhada numa tempestade de emoções. O seu coração está pesado desde o momento em que o seu filho Kiene saiu de casa, deixando-a cheia de saudades e preocupações sobre o seu paradeiro. Além disso, o pai das suas filhas, Inácio, também partiu, traíndo o amor e a confiança de Ululi. Todo esse peso emocional é agravado pela responsabilidade acrescida de cuidar sozinha das duas filhas pequenas.

Resiste a qualquer possibilidade de se envolver em outro relacionamento sério. As cicatrizes do passado são profundas, e a cautela torna-se a sua armadura protetora. Não quer decepcionar-se novamente, não quer abrir o seu coração apenas para ser ferida mais uma vez.

Porém, apesar de todas as suas resistências, Jacinto persiste em buscar um relacionamento mais sério com Ululi. Está determinado a provar que difere dos homens que a magoaram

antes. Ainda assim, Ululi mantém-se hesitante, receosa de se entregar novamente ao amor.

Jacinto, por sua vez, não desiste facilmente. Compreende a natureza delicada da situação e sabe que precisa conquistar a confiança de Ululi pouco a pouco. Então, tenta a sorte, insiste em mostrar que pode ser um companheiro leal e verdadeiro.

Impelida por uma mistura de esperança e insegurança, Ululi decide dar uma hipótese a Jacinto. Dispõe-se a arriscar-se, a abrir o seu coração, na expectativa de que dessa vez as coisas possam ser diferentes. Talvez, apesar das dúvidas e medos, Ululi possa encontrar um raio de esperança, um amor sincero capaz de curar as suas feridas e proporcionar-lhe a felicidade que tanto deseja.

No entanto, com o tempo, Jacinto revelou-se uma ameaça para as suas filhas em casa. Ululi possui um sexto sentido aguçado e está sempre alerta quando se trata da segurança das suas preciosidades, não querendo que as suas filhas passem pelo mesmo que ela passou.

Numa noite abafada, na precária moradia de chapas, onde o calor do dia ainda reverberava nas suas paredes, Ululi tomou uma pequena medida para amenizar o desconforto térmico das suas filhas. Vestiu-lhes t-shirts largas, uma opção mais fresca do que pijamas completos. Foi nessa madrugada que Ululi sentiu um pressentimento sombrio e, silenciosamente, levantou-se da cama, guiada pela sua intuição, direcionando-se ao quarto das crianças. Ao entrar para o quarto das filhas, deparou-se com Jacinto, despido, ajoelhado, atento às duas pequenas, prestes a executar uma conduta que há algum tempo Ululi já desconfiava.

Paralisada, nervosa e trémula, Ululi ficou em pé na porta do quarto, sem saber como reagir àquela situação terrível. Considerou pegar um pedaço de madeira e acertá-lo na cabeça, deixando-o caído no chão, e então correr para pedir ajuda aos

vizinhos. No entanto, não queria acordar as meninas e assustá-las. Tossiu, chamando a atenção para a sua presença. Olhou por trás, Jacinto, sem pronunciar uma palavra, deixou o quarto, passou por ela e foi se deitar. Ululi estava tão nervosa e cheia de raiva e medo que não conseguiu falar com ele naquele momento. Tremia e chorava das dores do passado, deitou-se com as suas filhas, abraçando-as pelo resto da noite.

No dia seguinte, as meninas acordaram sem perceber nada, pois felizmente não acordaram durante a madrugada, evitando um grande susto.

- Mamã, vieste dormir connosco a que horas, perguntou Yelissa admirada, mas ao mesmo tempo feliz por ter acordado abraçada a mãe.
- No meio da noite, fiquei com saudades de vocês, por isso é que eu vim. Não gostaram?
- Adoramos, responderam as duas com abraços e beijinhos que pareciam não ter fim.

Levantou-se para cumprir as suas tarefas diárias e notou que Jacinto já não estava em casa.

Essa experiência terrível deixou marcas profundas em Ululi, fortalecendo ainda mais a sua determinação em proteger as suas filhas e enfrentar os desafios da vida sem a presença de um parceiro. A sua coragem e amor inabaláveis são as forças que a mantêm em pé, mesmo diante das adversidades mais difíceis.

Naquele dia, Ululi decidiu não ir trabalhar. Dedicou-se a preparar as suas filhas para a escola e, em seguida, sentiu a necessidade de procurar por Jacinto. Era crucial ter uma última conversa e convidá-lo a sair de casa de uma vez por todas. Ululi imaginou alguns lugares do bairro onde Jacinto poderia estar.

Caminhava pelas ruas apertadas do Bairro de Tchipiandalo, entre as casas de chapa que compunham a paisagem. A areia da praia misturava-se com as estradas de terra batida, criando uma atmosfera rústica. Algumas acácias proporcionavam sombra agradável, convidando-a a fazer uma pausa na caminhada. Ululi cumprimentava as suas vizinhas, trocava alguns sorrisos e palavras amigáveis. No entanto, o seu passo apressado e o rosto carregado de raiva não passavam despercebidos por algumas delas. Observavam com curiosidade e preocupação, tentando decifrar o motivo por trás dessa expressão tão intensa. Até que, num momento inesperado, Ululi viu Jacinto numa “janela aberta”, próximo à estação do Cavaco. Os seus olhares cruzaram-se, e uma tensão silenciosa pairou no ar. Sentia a raiva a ferver dentro de si, mas também sabia precisar encontrar uma maneira de lidar com essa situação delicada.

Com um tom discreto, para que ninguém percebesse, Ululi informou a Jacinto que precisava falar com ele com urgência. No entanto, Jacinto tentou subestimar a importância do assunto e começou a fazer algumas piadas. Ululi, já de mau-humor, não encontrou nenhum sentido nas brincadeiras. A sua voz começou a elevar-se, e começou a abordar assuntos que o deixavam constrangido diante dos outros senhores que estavam por perto e que o conheciam bem.

— Eu avisei-te para irmos para casa e conversarmos apenas nós dois, mas continuas com as tuas gracinhas. Vou falar bem aqui, na frente dos teus amigos.

Para evitar uma exposição ainda maior em praça pública, Jacinto decidiu obedecer e seguir a primeira opção. Os dois partiram em direção a casa.

A discussão foi breve, mas intensa. Ululi assumiu o controlo da conversa, despejando tudo que estava preso na sua garganta, expressando as suas observações e suspeitas. Jacinto não

encontrou argumentos para se defender, limitando-se a aceitar e pedir desculpas repetidamente. Ululi estava determinada a encerrar o relacionamento de uma vez por todas. Convidou-o apenas para arrumar a sua mochila e partir sem olhar para trás, prometendo nunca mais se aproximar de Yelissa e Navita. Pegou os seus pertences e partiu. Ululi estava extremamente nervosa, as suas mãos tremiam e as lágrimas escorriam por seu rosto, depois que Jacinto saiu de casa.

Após um tempo sozinha em casa, decidiu deitar-se na cama por alguns minutos para tentar acalmar os seus pensamentos tumultuados. Ao levantar-se, sentiu a necessidade de respirar um pouco de ar fresco e pensou em sair para uma caminhada pela praia. No entanto, ao dirigir-se para a porta, foi interrompida pela vizinha Cami.

- Ululi, minha querida, o que se passa? pareces tão agitada. Posso ajudar-te de alguma forma?
- Ah, Cami, que bom que estás por aqui. Preciso desabafar um pouco. Estou muito preocupada com a segurança das minhas meninas.
- O que é que se passa? Sabes que podes sempre contar comigo, somos vizinhas e amigas há muito tempo, estou aqui para te ouvir.
- Eu sei Cami, confio em ti, tens sido uma amiga maravilhosa, tens me apoiado tando nas horas boas e más, desde que vim morar para este bairro.
- Diz, o que houve, estou a ficar preocupada.
- Hoje mandei o Jacinto arrumar as coisas e sair de casa imediatamente. Descobri que tinha intenções terríveis. Ele tentou... entrou no quarto das meninas durante a noite, se não fosse o meu instinto, não sei o que teria acontecido.
- Meu Deus, Ululi! Que horror! Como é que conseguiste interromper isso a tempo?

- Foi uma combinação de medo e coragem, Cami. O meu instinto materno entrou em ação e eu confrontei-o, eu não podia permitir que as minhas filhas passassem por algo tão terrível.
- (Cami abraça Ululi) Não chores minha amiga, ainda bem que já o tiraste da tua vida.
- Cami, não fazes ideia de como sou grata por ter-te nas nossas vidas. És como uma segunda mãe para as minhas filhas e sei que posso confiar em ti para mantê-las seguras.
- Ululi, podes ter certeza de que elas estarão sempre protegidas quando estiverem sob minha responsabilidade. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir a segurança e bem-estar delas. Espero que ele não tente procurar pelas meninas, porque senão, eu chamo a polícia imediatamente.

Depois da experiência com Jacinto, Ululi decidiu ficar sozinha e dedicar-se completamente ao cuidado das suas filhas, as suas verdadeiras joias. Entende a importância de protegê-las e está determinada a garantir que nada de ruim aconteça com elas.

Após os tristes acontecimentos, Ululi encontra forças para seguir e retorna ao trabalho no dia seguinte. Embora o seu coração ainda esteja pesado e abalado, encontra conforto na presença da sua amiga e vizinha, Cami. Saber que tem alguém em quem confiar e que está ao seu lado nesse momento difícil é um bálsamo para Ululi, ajudando-a a enfrentar os desafios que estão por vir.

Enquanto isso, as crianças continuam a frequentar a escola, mas os pensamentos de Ululi estão sempre ocupados com Kiene, o filho mais velho que desapareceu. Questiona-se onde ele estará, o que estará a fazer e se está bem de saúde. Os dias passam, as semanas se arrastam, e não há nenhum sinal do paradeiro de Kiene.

Quando tudo parecia estar a voltar ao normal, um novo episódio abala a família. Yelissa, ao voltar da escola, chega a casa a chorar desesperadamente. Caminhava ao lado de Navita, mas, por uma pequena distração, de repente não a vê mais. Yelissa chama pela irmã diversas vezes, mas não obtém nenhuma resposta. Assustada, corre para casa para contar à tia Cami, uma vez que a mãe ainda não havia regressado do trabalho.

A tensão e o medo voltam a tomar conta da família, enquanto todos se unem para procurar Navita. Cami liga para Ululi que em menos de 10 minutos estava em casa. Com o apoio de todos, assume a liderança nas buscas, mobilizando os vizinhos e amigos para ajudar na procura da pequena Navita. Ululi, com o coração angustiado, suplica pelo retorno da sua filha, mantendo incansavelmente a chama da esperança acesa, ansiando que ela seja encontrada em segurança.

O desaparecimento de Navita tornou-se um mistério angustiante, deixou todos sem saber se foi vítima de um rapto ou se simplesmente se perdeu, embora essa possibilidade pareça pouco provável, já que as meninas conhecem bem o caminho de casa para a escola.

A vizinha Cami, agindo rapidamente, registou um boletim de ocorrência na Polícia Nacional, solicitou apoio da população para encontrar Navita e forneceu todas as características físicas. Também pediram ajuda aos órgãos informação para divulgar o desaparecimento, que ocorreu próximo das 12:30. As redes sociais estavam inundadas com fotos a pedir ajuda.

A comunidade de Tchipiandalo uniu-se em solidariedade e dividiu-se em grupos para realizar buscas pelos bairros vizinhos. Levavam consigo fotografias de Navita para mostrar às pessoas, na esperança de que alguém a reconhecesse. Vasculharam áreas próximas ao rio Cavaco e à praia, mas não encontraram nenhum vestígio.

O dia chegou ao fim sem nenhum sucesso nas buscas, aumentando a preocupação e o desespero de todos. Ululi não conseguiu dormir, passou a noite inteira a rezar e permaneceu do lado de fora de casa, com algumas velas acesas. Alguns vizinhos juntaram-se a ela num gesto de solidariedade, acendendo mais velas. As amigas e colegas de Navita reuniram-se em frente à casa dela, implorando para que ela esteja bem e que retorne imediatamente para casa.

- (Ululi com lágrimas nos olhos) Vanila, tu que estas sempre com a tua amiga, ela não te disse nada, não comentou nada contigo?
- Não Tia, a única coisa que me disse é que estava a aprender francês com um senhor que se chama Michele.
- Ela falou-me sobre esse senhor e eu pedi-lhe para não falar com estranhos.
- Tia, a Navita é muito esperta, muito inteligente. Esteja onde estiver, tenho certeza de que vai se livrar e voltar para casa em segurança. Vamos ter fé.
- Eu sei meu amor, ela é uma menina inteligente, mas não consigo deixar de preocupar-me. É tão nova, tão indefesa...
- Tia, algo me diz que ela está bem. A Navita sempre foi independente e corajosa. Sabe se virar. Vamos acreditar que tudo ficará bem. Não quero ocupar a minha cabeça com pensamentos negativos. Eu vou rezar para ela.

Depois de quatro semanas e as buscas incansáveis por Navita continuaram. Os pescadores da região uniram-se, colaborando para encontrar qualquer vestígio na água, já que sabiam que ela adorava mergulhar na praia. A praia de Tchipiandalo, numa noite de Lua cheia, era um cenário mágico. O céu estava repleto de estrelas brilhantes, a praia também estava iluminada com velas acesas. Várias crianças reuniam-se, sentadas, a cantar louvores para não deixar Ululi sozinha na sua tristeza, após vários dias de lágrimas pelo desaparecimento da sua filha. Essas noites partilhadas com a comunidade eram um bálsamo para Ululi,



enchendo-a de coragem para continuar a acreditar que Navita estaria bem.

Às 23 horas, o telefone de Ululi tocou. O número era estranho, mas atendeu com o coração acelerado.

- Hello mamã, sou eu, Kiene, não posso falar muito, liguei só para dizer que a Navita está comigo e está bem. Amanhã ligo com mais calma e explico.
- (com o coração acelerado) filho posso falar com... (a chamada caiu)

Ululi ansiava por ouvir a voz de Navita para ter certeza de que era realmente a sua filha, mas ao ouvir a voz de Kiene, que também

estava desaparecido até então, sentiu um pouco de calma. Partilhou a notícia com todos que estavam na vigília. A alegria tomou conta de todos, ajoelharam-se em frente ao mar, agradecendo com gratidão.

Naquela noite, a esperança renovou-se, e todos agradeceram por esse momento de luz durante tempos sombrios. Ululi sentiu um impulso de força e fé, sabendo que a sua família estava viva e junta novamente. A comunidade de Tchipiandalo continuou a cantar e a orar, enchendo o céu estrelado com a sua gratidão e esperança pelo retorno seguro de Navita e Kiene.

Ululi e Yelissa, assim como todos que partilhavam do mesmo sofrimento ao longo dessas quatro semanas angustiantes, finalmente conseguiram descansar um pouco mais tranquilos. A ansiedade ainda pulsava nos seus corações, à espera do tão aguardado telefonema no dia seguinte, que revelaria o mistério de como Navita poderia estar com o seu irmão. Adormeceu com o telefone ao lado da cabeceira, com o volume no máximo, desejando atender assim que o primeiro toque soasse. O seu sono era inquieto, cheio de sonhos e expectativas, pronta para receber a notícia tão esperada.

Na manhã seguinte, Vanila veio buscar Yelissa, como haviam combinado durante a ausência de Navita. Ululi sentiu um misto de alívio e apreensão, pois entendia perfeitamente que a sua filha estaria na companhia de uma amiga da irmã.

- Bom dia, Vanila, estás boa meu amor?
- Bom dia, tia, estou bem, obrigada
- Yelissa, a Vanila já chegou, estás pronta?
- Sim mamã, fui só buscar o meu cantil de água.
- Boa caminhada para vocês, estejam muito atentas, não conversem com ninguém.

- Está bem tia, nós temos ido para a escola com um grupo maior de alunos, somos muitos, encontramos-nos todos na esquina da rua e seguimos todos juntos. No regresso também.

Por volta das 10:30, o telefone tocou e, dessa vez, Kiene conseguiu falar com a sua mãe de forma mais tranquila.

- Mãe, sou eu, Kiene... - disse ele, a voz carregada de emoção e alívio.

Ululi mal conseguia conter a emoção ao ouvir a voz do seu filho. Queria saber imediatamente onde Navita estava, ansiava por ouvir a voz da filha. Saudaram-se entre lágrimas, misturando alívio e alegria.

- Kiene, meu filho, onde está a tua irmã? Fala comigo, por favor - suplicou Ululi, a voz embargada pelo choro.

Kiene, com a voz a tremer, passou o telefone para Navita, permitindo que mãe e filha se conectassem novamente. Ouviram-se soluços e palavras entrecortadas, uma mistura de amor, saudade e alívio a transbordar através da linha telefônica.

Ululi tinha tantas perguntas, queria entender o que havia acontecido e onde estavam naquele momento. Mas primeiro, precisava ter certeza de que Navita estava bem, de que estava segura.

- Minha querida filha, meu amor, como estás? Onde estás agora? - perguntou Ululi, a voz trêmula de emoção.

Navita, com a voz embargada, respondeu:

- Mamã, estamos bem... estamos todos bem. Eu estou com o Kiene e ele vai explicar melhor (Navita soluçava sem parar)

Navita não conseguiu falar muito tempo com a mãe porque soluçava e chorava muito, passou o telefone ao seu irmão

- Mamã, nós estamos em Luanda, já comprei os bilhetes para o autocarro da RI (Rotas Interligadas) que parte amanhã sexta-feira. Eu e a Navita voltamos amanhã para Benguela. Depois explico tudo com detalhes, porque a história é longa
- Meus amores, esta deve ser a melhor notícia que recebi em toda a minha vida, não vejo a hora de vos abraçar novamente.

A emoção tomava conta de Ululi enquanto Kiene explicava os detalhes da viagem para a mãe. Ululi anotou cuidadosamente cada informação, desde a hora de partida até a hora prevista de chegada. Pediu para Kiene dar a matrícula do autocarro, pois queria estar no terminal dos autocarros da RI (Rotas Interligadas) para recebê-los.

- Mamã, vamos sair de Luanda amanhã sexta-feira às 22 horas do terminal do Gamek, e chegamos às 08:30 de sábado.

Ululi acordou muito cedo no sábado, cheia de ansiedade e expectativa. Preparou-se rapidamente, com o coração acelerado, pois compreendia que aquele era o dia em que finalmente veria aos seus filhos novamente. Chegou ao terminal da RI, onde o autocarro estava previsto para chegar.

À medida que o sol começava a iluminar a paisagem, Ululi esperava com o coração a pulsar forte. Cada minuto parecia uma eternidade, mas tinha a firme convicção que a espera valeria a pena. Afinal, estava prestes a abraçar os seus amados filhos novamente.

Finalmente, o autocarro da RI surgiu no horizonte. Ululi prendeu a respiração, os olhos fixos na porta do autocarro, a espera de ver os rostos que tanto ansiava encontrar. E então, os dois desceram do autocarro, Kiene e Navita, os seus olhos encontraram-se e as lágrimas começaram a escorrer.

Ululi correu em direção a eles, os braços abertos e o coração a transbordar de amor. Os abraços foram apertados, os beijos foram dados com ternura, e os choros de felicidade preenchiam o ar. Kiene, que não via a sua mãe há tanto tempo, chorava de emoção. Navita, que havia desaparecido de forma repentina, sentia-se grata por seu irmão mais velho ter cruzado o seu caminho, resgatando-a e trazendo-a de volta para casa.

As emoções misturavam-se, enquanto Ululi segurava firmemente os seus filhos, agradecendo ao destino por tê-los reunido novamente. Era um momento de pura alegria e alívio, um momento em que todas as angústias e incertezas dos últimos tempos desapareciam diante do amor incondicional que envolvia aquela família.

Ululi não conseguia conter as lágrimas de gratidão e felicidade. Olhava para Navita e Kiene, os seus olhos transbordavam de amor e orgulho, enquanto abraçava os seus filhos com toda a força do seu ser. A vida havia dado uma segunda oportunidade e eles estavam prontos para enfrentar qualquer desafio que viesse pela frente, unidos e fortalecidos pelo amor familiar.

A emoção continuava a transbordar enquanto Ululi, Kiene e Navita dirigiam-se para casa. Previam que seriam recebidos com ansiedade por Yelissa, a vizinha Cami e muitas amigas de Navita, que estavam a espera para abraçá-los e beijá-los. Não havia preocupação sobre os detalhes do desaparecimento naquele momento, pois todos tinham certeza de que Navita partilharia a sua história e Kiene explicaria como o destino havia encontrado uma maneira de reunir os irmãos novamente.

Ao chegarem ao bairro, foram recebidos calorosamente pelos vizinhos que haviam participado das buscas e pelas amigas de Navita. O bairro estava em festa, e até as ondas do mar pareciam demonstrar a sua alegria. Era uma verdadeira celebração da união e do amor que existia naquela comunidade.

Ululi sentia-se profundamente grata por todo o apoio e carinho recebidos durante as quatro semanas de desaparecimento de Navita. Para expressar a sua gratidão, decidiu comprar muito frango, acender o carvão e temperar a carne para oferecer um delicioso churrasco a todos. Para ela, esse gesto era a forma mais verdadeira de demonstrar a sua gratidão pelo apoio incondicional da comunidade.

Enquanto as chamas crepitavam e o aroma do frango grelhado se espalhava pelo ar, Ululi olhava a volta e via os rostos sorridentes, unidos em torno de uma mesa farta. Sentia uma imensa alegria ao ver as pessoas a desfrutar da comida e a partilhar histórias e risadas. Era um momento de comunhão, de celebrar a vida e a fortaleza daquela comunidade.

A festa continuou noite adentro, com música, dança e risos ecoando pelo bairro. Através dos abraços apertados, dos sorrisos sinceros e das lágrimas de felicidade, a comunidade estava convencida que aquele era um dia para ser lembrado. Era um dia em que o poder do amor e da união se mostrou mais forte do que nunca. O mar parecia sussurrar palavras de celebração, as estrelas luziam com um esplendor especial e o céu sorria com alegria. Era um momento de cura e renascimento, um momento em que a esperança se tornava realidade.

— (com os olhos em lágrimas) Minha querida filha, não podes imaginar como eu fiquei durante este tempo todo, sem saber onde te encontrar, diz lá o que é que aconteceu?

- (com a voz trêmula) Mamã, foi horrível. A Yelissa e eu estávamos a voltar da escola, a Yelissa estava um pouco distraída. Quando olhou para trás, já não me viu mais. Eu ouvi ela a gritar pelo meu nome, mas ninguém estava a entender o que estava a acontecer.
- (segurando as mãos de Navita) Meu Deus! Continua, filha, diz-me tudo.
- Um carro pequeno, azul-escuro, passou por nós e, de repente, alguém me agarrou por trás e tapou a minha boca, não conseguia gritar. Fui no banco de trás do carro e não parou mais. Dois homens atrás e dois a frente. Taparam os meus olhos e só conseguia ouvir as suas vozes, falando sobre ir para o Soyo e atravessar a fronteira. Mas um deles disse que esta encomenda deveria ser levada para Luanda, para o Palanca.
- (chorando) Meu Deus, minha filha, como conseguiste suportar tudo isso? Não tentaste fugir?
- Sim, quando o carro parou, eu tentei fugir, mas não conseguia ver nada, devíamos estar muito longe de casa, ouvia muito silêncio. Foi aterrorizante. Finalmente, chegamos ao que eles chamavam de Luanda. Estava escuro, levaram-me para um bairro e trancaram-me numa casa, sem poder sair para a rua. Havia outras crianças lá dentro também.
- (chorando ainda mais) Minha filha, o meu coração está partido por tudo o que passaste. Como é que aguentaste tanta dor e medo?
- A casa onde eu estava ficava perto de um campo de futebol de terra batida. Tinha jogos quase sempre. Todas as crianças tinham medo de fugir, porque os sequestradores ameaçavam matar-nos se tentássemos. Eu tive várias oportunidades de abrir a porta, mas o medo paralisava-me. Até que um dia, ganhei coragem. Havia muita gente a assistir o jogo e decidi correr para o meio do campo e pedir ajuda.

- (com esperança nos olhos) E então, meu amor? O que é que aconteceu?
- Enquanto corria, gritava por socorro, deparei-me com o Kiene, que era um dos jogadores em campo. Chamou por mim, corri em direção a ele, a tremer muito. Abraçou-me com força, os sequestradores que estavam atrás de mim desistiram de se aproximar, com medo de serem denunciados.
- (emocionada) Kiene, meu filho, nosso herói. Obrigada por salvares a tua irmã.
- (com humildade) Foi um instinto mamã, algo que eu não pude ignorar. Ao ver a minha irmã a correr desesperada, algo dentro de mim gritou para ajudá-la. Fico feliz por ter conseguido.
- (com gratidão) Meu Deus, que terrível realidade. Mas estamos aqui agora, juntos e seguros. Navita, por uns minutos arriscaste a tua vida, mas foste uma verdadeira guerreira. Vamos superar tudo isso e lutar para que mais crianças não passem por essa dor. Vocês são os meus maiores tesouros e farei de tudo para vos proteger.
- Mamã, estou preocupada com as outras crianças que ficaram, são dois rapazes e três meninas, penso muito na Daniela que tem cinco anos, dormia comigo, estavam a dizer que ela ia para o Congo.
- Filha, a esta hora, acredito que eles já devem ter tirado as crianças daquela casa e escondido noutra casa porque tu fugiste. Mas amanhã vamos fazer uns telefonemas para a polícia e para a rádio, vamos denunciar, vamos pedir ajuda, não te preocupes.

Ululi, com a voz embargada pela emoção, olhou para todos os presentes, sentindo-se grata por ter cada um deles ao seu lado durante essa jornada difícil. Começou a expressar o seu profundo agradecimento.

- Quero começar a agradecer a Cami, minha vizinha querida. Cuidas-te das minhas meninas como se fossem tuas próprias filhas, sendo uma segunda mãe para elas. A tua presença constante e o teu apoio incondicional foram um verdadeiro presente. Além disso, tornamo-nos grandes amigas, sempre pronta para ajudar em todos os momentos. És uma luz na minha vida, Cami, e sou eternamente grata por ter-te ao meu lado.

Ululi olhou para os outros vizinhos do bairro Tchipiandalo, os mesmos que se uniram em vigílias, rezando e cantando louvores para que Navita retornasse em segurança. Os seus olhos encheram-se de lágrimas de gratidão.

- A todos os vizinhos do bairro Tchipiandalo, quero expressar a minha profunda gratidão. Vocês uniram-se a mim em momentos de angústia, ofereceram o vosso apoio e vossas orações para que Navita voltasse para nós. As vigílias noturnas, com cantos e preces, trouxeram conforto e esperança ao meu coração. Agradeço a cada um de vocês pela vossa solidariedade e por serem uma verdadeira comunidade, unidas em amor e compaixão.

Ululi virou-se para Vanila, a pequena amiga de Navita, que sempre esteve presente, encorajando-a e acreditando firmemente no seu retorno. Ululi admirava a fé e a determinação de Vanila.

- Vanila, minha querida, sempre estiveste ao meu lado, fizeste-me companhia e sempre acreditaste que ela voltaria. A tua fé inabalável inspira-me, e sou grata por te ter como parte das nossas vidas. Também te agradeço por teres cuidado de Yelissa durante a ausência de Navita. A tua presença trouxe conforto e alegria para ela. És um verdadeiro tesouro, Vanila.

Ululi olhou para todos os presentes, sentindo-se abençoada por ter um apoio tão incrível. As suas palavras seguintes foram carregadas de determinação e esperança.

- Durante todo esse pesadelo, senti uma vontade ardente de fazer mais, de ajudar todas as crianças e adolescentes que estão a sofrer algum tipo de abuso sexual. Quero salvá-las, libertá-las do silêncio e proporcionar-lhes uma vida mais digna. A partir de segunda-feira, vou começar a trabalhar nos trâmites legais para criar uma organização dedicada a essa causa. Há tantas vítimas que precisam de ajuda, mas vivem aprisionadas pelo medo e pelas ameaças. Não podemos mais permitir que isso continue. Juntos, podemos fazer a diferença e oferecer uma nova chance a essas crianças. Conto com o amor e o carinho de todos vocês nessa jornada.

As palavras de Ululi ecoaram no coração de cada pessoa presente. O compromisso e a determinação de Ululi inspiraram a todos, fortalecendo a união e a esperança de um futuro melhor para todas as crianças que precisam desesperadamente de ajuda.

E assim, Ululi, Kiene, Navita e Yelissa abraçaram-se, sabendo que, juntos, poderiam superar qualquer obstáculo. Estavam em casa novamente, onde o amor os aguardava, pronto para guiá-los em cada passo da jornada que estavam prestes a trilhar.

Nas semanas seguintes, a família desfrutava de uma rara sensação de serenidade, após o surpreendente retorno de Navita. Contudo, esse acontecimento extrapolou os limites do núcleo familiar, ecoando por toda a comunidade e despertando uma consciência coletiva, bem como uma ampla mobilização protetiva em favor das crianças. Infelizmente, durante esse período, a cruel e sombria realidade veio à tona de maneira incontestável. Ficou claro que o rapto de menores para tráfico de órgãos, exploração sexual infantil e estupro não se tratava de casos isolados. Nos bairros, a

desoladora constatação de que alguns adultos viam as crianças apenas como objetos para satisfazer seus apetites sexuais desencadearam uma profunda indignação em toda a comunidade.

Movida por suas próprias vivências, Ululi decidiu dar os primeiros passos rumo à criação de uma organização dedicada à proteção de todas as crianças que necessitavam de amparo. O objetivo era claro: oferecer uma mão amiga e um refúgio seguro às vítimas desse abuso terrível. A consciencialização acerca do problema expandia-se cada vez mais, e um número crescente de pessoas engajava-se na luta para proteger as crianças e combater a violência que ameaçava as suas vidas. Ululi estava a construir uma sólida rede de apoio, envolvendo advogados, médicos, educadores, terapeutas e até mesmo alguns policiais - uma vasta rede de influência, capaz de prover todo o suporte necessário, de modo que as crianças e as suas famílias não se sentissem desamparadas.

Ululi compreendia que a sua missão não seria fácil, mas a sua determinação mantinha-se firme. Estava decidida a criar um ambiente onde todas as crianças pudessem crescer em segurança, longe do medo e do abuso. A jornada apenas se iniciava, mas Ululi já se afirmava como um farol de esperança, a iluminar o caminho rumo a um futuro mais brilhante e protegido para todas as crianças daquela comunidade.

- Kiene, meu filho, queria agradecer-te de coração por todo o teu empenho e cuidado nas redes sociais. O teu trabalho em denunciar casos, alertar as famílias e despertar a consciência sobre os perigos de abuso e possíveis raptos tem sido notável. Estou muito orgulhosa de ti.

- Obrigado, mãe. Só quero contribuir de alguma forma para proteger as crianças da nossa comunidade. Esta é

uma questão que requer atenção, e se eu puder fazer a diferença, farei.

- Tenho uma novidade para te contar, meu filho. Decidi dar um nome à nossa organização. Chama-se "Guardiões da Infância". Acredito que esse nome transmite bem a nossa missão de proteger e cuidar das crianças que estão em perigo.
- Guardiões da Infância... é um nome poderoso, mãe. Tenho a certeza de que esta organização fará a diferença na vida de muitas crianças. Estou emocionado por fazer parte disto. Vou criar uma conta nas redes sociais com esse nome e passarei a publicar tudo sobre a organização, eventos, denúncias tudo que servir para ajudar a mudar a consciência das vítimas, torná-las mais fortes.
- Fico feliz por ouvir as tuas palavras, Kiene. E tenho mais uma novidade para ti. Já falei com a direção da escola da Navita e da Yelissa, e eles concordaram em nos receber. Na próxima semana, iremos dar uma pequena palestra sobre os sinais de que as crianças devem estar atentas e ensiná-las a denunciar aquilo que pensarem que está errado, mesmo que seja com algum familiar. A organização Guardiões da Infância possui uma linha de denúncia e conta com profissionais que poderão tratar de cada caso com o devido cuidado
- Mãe, os Guardiões da Infância vão conseguir localizar a Daniela? – Perguntou Navita.

Fim

